

O metrô comunica? Does the subway communicate?

Ana Maria Dantas de Maio

Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo – São Paulo (SP), Brasil; Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Bauru (SP), Brasil; Jornalista do Núcleo de Comunicação Organizacional da Embrapa Pantanal – Corumbá (MS), Brasil. E-mail: anamaio@uol.com.br

O interesse em explorar a mais nova obra da antropóloga Janice Caiafa¹ sobre viagens pelo metrô do Rio de Janeiro surgiu ao ter acesso à apresentação que a própria autora fez do livro em uma lista de *e-mails*:

Trata-se de resultado de uma pesquisa etnográfica sobre o cotidiano das viagens [...]. Considero o metrô como um grande sistema de comunicação em que circulam mensagens e pessoas. Exploro, por exemplo, a comunicação face a face, os anúncios publicitários nas estações e a relação que os viajantes estabelecem com os artefatos técnicos que caracterizam o espaço do metrô.

Comunicação face a face tem sido uma modalidade pouco explorada pelos estudiosos da área, especialmente depois do advento da comunicação mediada por computador. A Antropologia é uma ciência que tem muito a contribuir para o entendimento das dinâmicas comunicacionais. A pesquisa etnográfica, por sua vez, vem conquistando espaço nos estudos produzidos por comunicadores.

Para essa resenha, a reflexão produzida a partir da leitura de “Trilhos da Cidade” segue o viés da comunicação e, por vezes, dos estudos da linguagem. Alguns capítulos estão mais próximos dos interesses comunicacionais e outros de áreas diversas, como a Sociologia, o Urbanismo, a Arquitetura, a História, a Logística e, obviamente, a Antropologia.

De modo geral, nota-se que a autora desenvolveu uma minuciosa pesquisa sobre o cotidiano do metrô do Rio de Janeiro. É imperceptível se ela deixou escapar alguma perspectiva de análise. Pouco provável. Da questão da política tarifária ao uso do meio de transporte durante o carnaval, nada escapa à observação madura e profunda da pesquisadora.

Do ponto de vista da comunicação, a obra traz sim algumas contribuições. Caiafa retoma o conceito de *comunicação da diferença*, que havia estabelecido em 2004. Trata-se da comunicação entre desconhecidos, marcada pela imprevisibilidade.

“Não sabemos o que esperar e podemos ter que inventar na hora as formas de nos dirigir a eles”, resume ela na página 41.

O capítulo 2 é dedicado à comunicação face a face, e a autora explora não somente a existência do diálogo entre os desconhecidos como também a questão do silêncio e da contemplação dos gestos alheios.

Coloca que “o metrô é um espaço tão retilíneo [...] que a conversa tem que ser despertada por uma irregularidade” (p. 54). “A situação de desconforto é compartilhada e se torna assunto comum, gerando comunicação” (p. 55). As descobertas da pesquisadora são saborosamente compartilhadas com o interlocutor por meio dos depoimentos dos entrevistados e das percepções que ela, enquanto usuária, captou por meio da observação participante.

Em alguns momentos, Caiafa parece bastante sintonizada com os estudos da linguagem e com a análise de discurso. Quando afirma que “o ambiente do metrô é especialmente fértil para demonstrar a dimensão comunicativa do silêncio” (p. 63), remete o leitor à construção do não dito nos discursos do universo comunicacional. As situações de silêncio e de uma “solidão especial” vivenciadas no ambiente do metrô são devidamente avaliadas e valorizadas pela autora. Ponto para o leitor.

Essa sensação de que o livro flerta com os estudos de linguagem emerge também no início do capítulo 8, que trata da linha 2 do metrô do Rio. A expectativa é que a autora faça uma análise ambiental e discursiva para explicitar os contrastes entre as duas linhas. De fato, o texto é rico em descrições e detalhes — às vezes se aproxima do estilo literário —, mas a identificação de uma análise mais contundente se restringe a trechos como “o efeito para quem está ali é o sentimento de uma vigilância ostensiva” (p. 226) ou “[a pipa] estava bem quebradinha e rasgada e, para tornar tudo ainda mais grave, era verde e amarela” (p. 228).



¹ CAIAFA, Janice. *Trilhos da cidade: viajar no metrô do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

O metrô comunica?

Estudiosos de publicidade e do consumo não devem dispensar a leitura do capítulo 6, uma abordagem sobre uso e consumo no metrô. A autora coloca a visão de negócio da concessionária, trata da exploração de todos os espaços e até dos exageros, pois os próprios anunciantes podem perder com os excessos de publicidade. “O espaço sofre, portanto, uma desqualificação quando ele é tornado suporte do consumo” (p. 172). O tema volta a ser trabalhado no capítulo 11, quando Caiafa relata a implantação dos vagões femininos. Mais uma vez, o discurso publicitário, agora dirigido às mulheres, reina absoluto nessas instalações.

Outro ponto alto do livro para o pesquisador em comunicação é o primeiro capítulo, que dá dicas preciosas sobre o fazer e narrar a Etnografia. Apresenta uma visão inovadora ao questionar a distância em que o etnógrafo deve se posicionar em relação ao objeto de pesquisa: “perto o suficiente,” ou *close enough*.

Ainda no capítulo em que apresenta a metodologia, duas abordagens merecem destaque: “os imponderáveis da vida real”, fenômeno que Bronislaw Malinowski descreve ao defender a observação em sua plena realidade em contraposição à aplicação de questionários e análises estatísticas; e os “problemas de conexão”, que é a expansão do campo problemático na Etnografia que ajuda a refinar o recorte do objeto, estimulando o leitor a pensar junto.

A questão da Ética é tratada transversalmente no livro e merece algumas considerações. Na opinião da autora, alguns mecanismos implantados no metrô carioca — como os avisos sonoros repetitivos e a comunicação visual alertando sobre os assentos preferenciais — mantêm um tom

imperativo: “Constrói-se, mesmo que não tenha sido esta a intenção, um obstáculo à solidariedade, ao ‘jogo de cidadania’, à polidez ali cultivada” (p. 327). Ou ainda: “E assim as coisas não seguem seu livre curso nas viagens, em que não é difícil constatar que uma gentileza seria possível” (p. 329).

A decoração das estações é outro ponto interessante para os comunicadores de plantão. De acordo com o livro, as pastilhas, os azulejos e as cores escolhidas para compor o visual das estações dialogam entre si, construindo um discurso que só pode ser observado com o tempo transcorrido na viagem, com a experimentação. Ao criticar uma reforma que desconfigurou essa comunicabilidade, Caiafa alerta para a produção de um tipo de “esquecimento” (p. 365).

O livro tem um problema sério que incomoda o leitor: excesso de erros de digitação. Em uma leitura nem tão rigorosa, contabilizamos 51 falhas, como “implemmentação”, “os mesmo cartões”, “ar-condiconado”, “reconfigração”, “seus investimento”, “possibilidade” e por aí vai. Faltou uma boa revisão.

No final, um parágrafo da página 371 resume bem a proposta da antropóloga: “O metrô é um *medium* que conduz pessoas e as imbrica com os artefatos tecnológicos de seu espaço construído. É, ao mesmo tempo, um lugar de produção de mensagens que partem sem cessar de seu espaço ativo e dos humanos através das máquinas ou nos encontros face a face durante as viagens”.

Portanto, “Trilhos da Cidade” relata uma pesquisa muito bem fundamentada, executada e narrada. A leitura chega ao fim proporcionando aquela sensação de que valeu a pena. Afinal, o metrô comunica, e muito!